

A ARGUMENTAÇÃO NA MÍDIA: UM ESTUDO SOBRE A METÁFORA

Renata Palumbo*

Resumo: *o propósito deste trabalho é observar a metáfora como estratégia argumentativa nos debates televisionados. Utilizamos dos preceitos da Teoria da Referenciação, da Nova Retórica e da Análise da Conversação.*

Palavras-chave: *metáfora; processos referenciais; argumentação; interação; mídia*

Considerações iniciais

Este trabalho tem como proposta examinar o uso da metáfora como estratégia argumentativa num debate político televisivo transmitido, ao vivo, pelo programa Roda Viva da TV Cultura. O tema abordou denúncias de corrupção que envolviam políticos do governo federal brasileiro, em 2005. Na ocasião, os participantes/debatedores, integrantes da CPMI (Comissão Parlamentar de Inquéritos) dos Correios, estavam divididos em dois pólos partidários: os governistas (PT) e a oposição (PFL, PPS e PSDB). A análise foi elaborada e fundamentada pela junção de três perspectivas teóricas: a Teoria da Referenciação (Koch, 2005, 2006; Marcuschi, 2003; Mondada e Dubois, 2003), a Teoria da Argumentação (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1958, 2002, Olerón, 1983) e os estudos de interação e contexto (Marcuschi, 2003; Fávero, Andrade e Aquino, 1998).

Para esse propósito, partimos do pressuposto de que observar as práticas linguageiras na mídia televisiva é considerar os elementos discursivos e extradiscursivos que configuram essa situação interativa. Conforme ressaltou Charaudeau (2006), na mídia todo acontecimento passa pelo olhar perceptivo da instância enunciativa e é apresentado como relato, ou comentário, por meio de vozes de jornalistas ou de outros profissionais. Nos casos dos debates, cabe a mídia escolher o tema abordado, os participantes, as perguntas e, também, organizar a apresentação do programa. Dessa maneira, ainda de acordo com esse estudioso, o debate torna-se uma atividade social construída pela instância mediadora: o programa televisivo.

Também levamos em conta que a televisão, por ser uma mídia de grande alcance, promove a interação entre milhares de pessoas. Isso faz com que os políticos tendem a construir discursos e a expor idéias de maneira a manter a sua imagem pública, numa tentativa de levar o telespectador a aceitar os pontos de vista apresentados.

* Mestranda FFLCH/USP.

Por todos esses elementos, é possível afirmar que no debate político televisivo é instaurado um jogo argumentativo entre os participantes ou, melhor, uma “luta discursiva” (Charaudeau, 2006), em que discursos são desenvolvidos com o intuito de convencer a audiência. O que cria, por vezes, uma situação discursiva em que efeitos de verdade são disputados.

Dessa maneira, a situação de debate requer dos participantes a utilização de determinadas estratégias argumentativas que auxiliam na constituição e na compreensão do discurso, como por exemplo, o uso de metáforas (objeto de nossa análise).

Partindo desses princípios, observamos como a seleção de metáforas, associada a outras formulações lingüísticas, pode se constituir como estratégia argumentativa nos programas televisivos, ao possibilitar a evidência de certas características de determinado referente textual de maneira a fortalecer as teses apresentadas.

1. Processos referenciais e efeitos argumentativos

Para a proposta mencionada, assumimos a concepção de língua não como representação do mundo exterior e, sim, como recurso para a co-construção referencial utilizado por sujeitos sociais em determinada situação discursiva. Isso implica que a língua atua socialmente e é interação de comportamentos e de juízos de valor que estão presentes, dialogicamente, nas relações intersubjetivas.

Nessa abordagem, que tem por base a Teoria da Referenciação, os falantes constroem efeitos de sentido para os seus referentes textuais nas práticas discursivas, por meio de fatores sociocognitivos, paralingüísticos, contextuais, cotextuais e de acordo com suas posições ideológicas assumidas. Nesse quadro, Mondada e Dubois (2003, p.17) falam em objetos de discurso, em oposição a objetos de mundo:

[...] as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. Neste caso, as categorias e objetos de discurso são marcados por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas, nas atividades verbais e não-verbais, nas negociações dentro da interação.

Essas autoras indicam que a língua é um recurso para a construção intersubjetiva de categorias avaliativas que se modificam durante as interações. Portanto, o sentido é constituído no desenrolar do enunciado, na progressão textual, que pode se dar pelo “uso de pronomes ou elipses e de expressões nominais definidas ou indefinidas” (Koch, 2006, p.85), como por exemplo, a metáfora. Nesse processo de referenciação, os objetos de discursos podem ser (re) categorizados; os falantes fazem escolhas para mencionar certos objetos que podem ser retomados posteriormente, isso permite que a primeira tentativa possa ser alterada ou adaptada no desenvolvimento do enunciado, recategorizando, até construir uma “representação cognitiva socialmente compartilhada com a realidade” (Mondada e Dubois, 2005, p.32).

Dessa maneira, quando o falante faz escolhas, entre as diversas possibilidades da língua, ele está fazendo um recorte, em que evidencia determinadas características do referente textual, incluindo-o em uma categoria avaliativa que pode ir ao encontro dos valores (apreciativos/depreciativos) do público em questão, orientando-o a um julgamento.

Na Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958, 2002), também há menção ao fato de a seleção lingüística ser de extrema importância para os propósitos da argumentação por levar à presença do auditório¹ um determinado olhar sobre os fatos mencionados que poderia passar despercebido:

O fato de selecionar alguns elementos e apresentá-los ao auditório já implica a importância e a pertinência deles no debate. Isso porque semelhante escolha confere a esses elementos uma *presença*, que é um fator essencial da argumentação (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p.132)

Por todos esses elementos, a seleção lingüística pode ser significativa e resultar na qualificação ou na desqualificação do referente textual. Essa escolha já implica uma construção e uma interpretação, excluindo a possibilidade de um discurso neutro.

Por muitas vezes, a qualificação é efetivada em função dos valores, das crenças e dos pontos de vista dos participantes (orador e auditório). Para Olerón (1983, p.109), a qualificação é um argumento que pode intervir a certas decisões, mas também, pode ser “a consequência de uma argumentação”.

2. A metáfora na argumentação

Desde a Antigüidade, percebeu-se o emprego de algumas expressões da linguagem verbal que, do ponto de vista dos estudiosos da época, fugia do modo usual, ou seja, de seu padrão. Essas ocorrências foram incluídas nos estudos retóricos, denominando-se, assim, figuras de retórica. Entre elas, a metáfora, definida como tropo (transporte) e considerada a figura por excelência, era definida como a transferência da significação própria de uma palavra ou expressão para outro conteúdo semântico. Posicionamento, mais tarde, rediscutido por alguns estudiosos da linguagem como Lakoff e Johnson (1980) que a analisaram do ponto de vista cognitivo.

¹ Termo utilizado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958, 2002) para designar os indivíduos, ou grupos, a quem o produtor de textos almeja convencer por meio do discurso.

Nesta parte, interessa-nos ressaltar os estudos sobre a metáfora na nova Teoria da Argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958, 2002). Nessa perspectiva, as figuras de retórica desempenham um papel importante no processo argumentativo do discurso e deixam de ter uma simples função estética, ornamental. Na visão desses estudiosos, é na “função da teoria argumentativa da analogia que o papel da metáfora ficará mais claro” (2002, p.453). Essa relação entre analogia e metáfora já era evidenciada na tradição dos filósofos, inclusive de Aristóteles, mas é na Nova Retórica que o conceito de analogia é aprofundado e a definição de metáfora, no que tange à argumentação, é apresentada como uma analogia condensada, ou seja, considera-se a união entre o “elemento do tema” com o “elemento do foro” (1958, 2002, p.453). Assim, a metáfora pode ser construída a partir de uma analogia ou até antes mesmo por meio desta.

Para ilustrarmos a concepção de metáfora do ponto de vista argumentativo de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958, 2002), observemos o seguinte cenário apresentado em um debate organizado pelo programa Roda Viva da TV Cultura, em 2005, em que governistas (PT) e oposição (PFL, PPS e PSDB)² discutiram a respeito das denúncias de corrupção que envolviam políticos do partido do governo na época:



Fig. 01. No centro do cenário, “um mar de lama”.

Nesse cenário, o título do programa, “Crise política e Corrupção 2005”, é associado a um mar de lama (simulação observada no centro da figura 01). Nesse caso, na perspectiva da Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958, 2002), o “tema” (corrupção no campo político) é caracterizado pelo “foro” (mar de lama), ou seja, a amplitude do mar e as características da lama (sujeira), conhecimentos e valores já partilhados socialmente, são relacionados a uma específica situação da política brasileira.

Dessa maneira, é possível detectar o direcionamento dado pela instância midiática – o programa Roda Viva – às questões relacionadas à corrupção na política brasileira, encaminhando a um sentido extremamente negativo. De acordo com Charaudeau (2006), a mídia enuncia de maneira a evidenciar certas características do evento como ela o vê e, assim, a orientar efeitos de sentido, por meio da utilização de recursos verbais e não-verbais, nesse exemplo, de maneira metafórica.

² Corpus de nosso trabalho.

Nesse sentido, quando, na utilização da metáfora, conclusões são direcionadas através do foro e das características recortadas deste, o recorte será associado ao tema, facilitando ao auditório perceber algo do mundo empírico mencionado no discurso como é apresentado pelo orador e, assim, constituindo orientações argumentativas. De acordo com os autores:

[...] não é surpreendente constatar, quando se examinam as argumentações por analogia, que, com frequência, o autor não hesita, no curso de sua exposição, em servir-se de metáforas derivadas da analogia proposta, habituando assim o leitor a ver as coisas tais como ele as mostra.” (1958, 2002, p.454)

Essa junção entre tema e foro pode se efetuar de várias maneiras: por uma simples determinação, por um adjetivo, por um possessivo, por uma identificação e por palavras compostas, o que Perelman e Olbrechts-Tyteca denominam “sínteses expressivas” (2002, p.457). Como também, se retomarmos o exemplo apresentado (figura 01), a metáfora também se efetiva pela linguagem não-verbal (como o cenário do programa).

Embora todas as analogias, exceto as alegorias e parábolas que são ausentes de fusão, possam se tornar metáforas, estas são mais ricas e significativas quando apresentadas desde o início. Isso porque essas formulações lingüísticas são tão expressivas que bastam a si mesmo e ao interagirem com a “mente do espírito” (1958, 2002, p.455) podem resultar em interpretações diversas e, assim, em diferentes efeitos de sentido. Porém, é no contexto e no co-texto que escolhas e orientações são sugeridas.

Os efeitos argumentativos dessas expressões podem permear por três direções. Ora uma metáfora adere um valor argumentativo de presença, levando aos interlocutores certos recortes do objeto, ora seu uso resulta numa comunhão entre orador e auditório ou, até mesmo, num aconselhamento, numa sugestão de escolhas. Esses efeitos podem coexistir, pois não surgem, necessariamente, isolados. Isso quer dizer que a metáfora, como figura de retórica, produz efeitos de escolha, de comunhão e de presença³, de acordo com o encaminhamento do enunciado e da situação interacional.

Salientamos que a relação entre domínios distintos enunciada por meio da metáfora consiste num caráter vivo e variado que se encontra no campo da interação entre falantes, ou seja, ela pode ser criada, inventada.

Desse modo, como qualquer outro recurso da língua, a metáfora é uma escolha do falante de acordo com suas intenções e posições assumidas. O uso dela pode colaborar, juntamente com outras formulações lingüísticas, no processo de (re)construção do referente textual e, consecutivamente, direcionar o auditório a certas conclusões. Ou seja, a metáfora ganha força argumentativa no contexto (lingüístico, situacional, cognitivo), pois leva à presença do interlocutor certas associações, ancoragens; em outras palavras, instaura-se um “laço” entre os objetos de discurso introduzidos ou retomados, os conhecimentos lingüísticos e de mundo compartilhados e a situação interativa.

Isso evidencia que, apesar da metáfora ser polissêmica por natureza, ao ser inserida em uma determinada situação de interação, os efeitos de sentido podem ser delimitados ou

³ Escolha, comunhão e presença são termos utilizados por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958, 2002) ao se reportarem aos possíveis efeitos argumentativos que a utilização de figuras de retórica pode surtir nos enunciados.

direcionados, pois estes são orientados não apenas na utilização de certas formulações, mas também na maneira como estas são organizadas e apresentadas ao auditório, em um momento único.

Ainda, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958, 2002, p. 336) ressaltam que o analista ao adotar a definição de metáfora defendida pelo autor, do ponto de vista argumentativo, estabelecerá algumas distinções: preferirá chamar de catacrese, em vez de metáfora, o uso metafórico de um termo que permite designar aquilo para o que a língua não possui termo próprio (o pé da mesa⁴, o braço da poltrona, a folha de papel); qualificará de expressões de uso metafórico aquelas que, de tanto serem utilizadas, já não são percebidas como figuras, mas consideradas formas habituais de se expressar mencionadas no dicionário (um pensamento claro, profundo ou sublime); reservará o nome de metáfora às metáforas originais, em que tema e foro são ainda nitidamente heterogêneos.

2.1. Expressões de uso metafórico ou metáforas adormecidas

A concepção de Perelman e Olbrechts-Tyteca também evidencia que uma metáfora pode se desgastar, tornando-se não mais uma relação entre termos, mas um vocábulo de uso comum; entretanto, esse estado pode ser transitório, pois, dependendo da maneira que é utilizada, uma expressão metafórica volta a ser atuante e se intitula novamente metáfora.

Nesse estado de uso comum, a metáfora é denominada “adormecida” ou “expressão de uso metafórico”. E se a observarmos como escolha argumentativa, perceberemos seu significativo papel, em conjunto com outras estratégias, pois essas expressões adormecidas já estão enraizadas nas tradições culturais e discursivas de determinados contextos.

O reviver de uma metáfora adormecida, até mesmo dos mais comuns clichês, pode se dar por vários recursos. A seguir:

1. uso de analogias, de maneira explícita ou implícita;
2. uso de relações entre metáforas;
3. uso de expressões, ora no sentido literal, ora no sentido metafórico;
4. uso de uma metáfora adormecida juntamente com uma nova metáfora;
5. mudança do contexto habitual, ou seja, a expressão metafórica inserida numa situação inusitada, resultando em novos recortes para o objeto.

No último recurso, a mudança também pode ocorrer na relação de coexistência entre pessoa/grupo e seus atos, pois sentidos podem ser orientados num processo de associação entre discurso e imagem do orador ou, especificamente, o que o auditório pensa do falante conforme seus atos, papéis sociais etc.

É importante mencionar que algumas expressões, como jargões e gírias, utilizadas por grupos específicos, podem parecer metafóricas para os que não pertencem ou não

⁴ Exemplos apresentados pelos autores.

convivem com determinadas situações ou pessoas, porém o uso contínuo dessas expressões, pelos membros de um grupo, torna-se um modo habitual de se expressar. Essa “identidade de meio cultural” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1958, 2002, p.462) delimita o sentido metafórico de certas expressões.

Percebemos, mais uma vez, que a metáfora, ou a expressão metafórica, observada dentro de um contexto pode perder as várias possibilidades de interpretação, pois ela, juntamente com as outras formulações lingüísticas do enunciado e os conhecimentos compartilhados entre os interactantes, constitui orientações argumentativas que direcionam ou sugerem certas conclusões.

3. Metáfora, construção de sentido e efeitos argumentativos

Dos pressupostos apresentados, torna-se evidente que o orador, ao elaborar seu discurso, trilha por caminhos não aleatórios, ou seja, ele faz uso das possibilidades da língua para construir sentido, objetivando fazer o interlocutor enxergar o objeto referido tal qual este é apresentado. No caso dos políticos não ocorre diferente.

Os efeitos de sentido, portanto, são constituídos na maneira como o enunciado é organizado e nas (re)formulações lingüísticas selecionadas pelo orador. Além disso, é na interação entre sujeitos situados que será instaurado o jogo de opiniões e pontos de vista, numa situação única.

Assim, o efeito de sentido, constituído mutuamente nos enunciados por meio de escolhas lingüísticas, é que direciona as orientações argumentativas. Nesse quadro, por ser a metáfora uma possibilidade de escolha da língua, a força que ela traz à argumentação relaciona-se da maneira como ela é apresentada pelo orador e interpretada pelo auditório. Sobre esse ponto, cabe-nos questionar: como os sujeitos interpretam a metáfora?

Uma das possibilidades de interpretação da metáfora já foi mencionada neste artigo, mas vale lembrar que é no contexto, e no co-texto, que esse recurso lingüístico colabora na constituição de efeitos de sentido. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958, 2002, p. 211) afirmam que: “[...] o sentido e o alcance de um argumento isolado não pode, senão raramente, ser compreendidos sem ambigüidade; a análise de um elo da argumentação, fora do contexto e independentemente da situação em que se insere, apresenta inegáveis perigos.”

Nesse segmento, os estudiosos evidenciam a importância de observarmos tanto a situação de interação, quanto a inter-relação dos recursos argumentativos utilizados num enunciado. Portanto, o valor argumentativo da metáfora é construído na interação com outras formulações lingüísticas ou, em outras palavras, no movimento constante de remissão, ou de retomada, de referentes no texto (ativação, reativação e desativação), pois ela cria uma maneira diferente de perceber o objeto referido em questão, enfatizando certos recortes e posições assumidas, ou mesmo, colaborando para a compreensão desses.

Além disso, em interações face a face e em programas televisivos, devemos nos ater à importância dos elementos não-verbais e supra-segmentais (MARCUSCHI, 2001, p.63) que interagem com os enunciados e, por vezes, colaboram na produção de sentido. Destacamos, entre outros: olhares, gesticulações, risos, entonações, pausas, posicionamento da câmera etc.

Ainda, outro fator merece destaque no que tange à compreensão da metáfora. O papel da cognição é relevante nesse campo, principalmente se questionarmos como os conhecimentos de mundo, os contextos históricos, sociais e ideológicos estão organizados em nossa memória e como estes são fundamentais para a compreensão dos enunciados.

Muitas são as teorias e as concepções que permeiam essa área; nossa atenção neste artigo, entretanto, será voltada para os estudos de Lakoff e Johnson (1980), que citam a maneira como percebemos a realidade do nosso dia-a-dia e como nos relacionamos com as pessoas. De acordo com esses teóricos, é devido ao nosso sistema conceitual que podemos nos relacionar com o mundo e com as situações diárias. Este sistema é, em sua maioria, metafórico por natureza. Ou seja, segundo os autores, as metáforas estruturam a maneira como percebemos, pensamos e agimos.

Nesse sentido, a metáfora, embora evidente na língua, está presente além das palavras, na organização discursiva, em nossa percepção de mundo e, assim, está imbricada em nosso processo de interpretação. Nas palavras dos estudiosos: “O conceito é estruturado metaforicamente, a atividade é estruturada metaforicamente e, conseqüentemente, a linguagem é estruturada metaforicamente” (Lakoff e Johnson, 1980, p.5).

De maneira geral, a metáfora faz parte de nosso cotidiano e, assim, tem papel significativo nas relações – lingüísticas e cognitivas – que os seres humanos estabelecem uns com os outros e com o extralingüístico/extramental (Gibbs, 1999). E por ser encadeada por conceitos culturalmente estabelecidos – produtos de relações entre domínios distintos aceitos socialmente – a seleção metafórica pode encaminhar maneiras de ver o mundo, guiar nossas ações, organizar nossa experiência por meio de implicações e colaborar na construção discursivo-cognitiva de realidades. Isso nos faz acreditar que a metáfora corresponde a um significativo recurso lingüístico que pode ser selecionado estrategicamente para encaminhar efeitos de sentido e orientar argumentativamente.

4. Análise do *corpus*

Fundamentada nas teorias apresentadas, a análise presente observa o uso da metáfora e seus efeitos argumentativos em um debate político televisivo em que os participantes, integrantes da CPMI dos Correios, discutiram sobre a “Crise Política e Corrupção”, no programa Roda Viva transmitido pela TV Cultura, em 2005. Nesse encontro, além do jornalista e mediador Paulo Markun, estavam presentes seis debatedores: José Eduardo Cardozo (PT), Ideli Salvatti (PT), Maurício Rands (PT), César Borges (PFL), Denise Frossard (PPS), Gustavo Fruet (PSDB).

Analisaremos, especificamente, a resposta de Denise Frossard, do PPS-RJ, referente à seguinte pergunta lida⁵ por Paulo Markun:

⁵ O *corpus* selecionado foi transcrito no sistema ortográfico padrão e foram seguidas as normas de transcrição desenvolvidas pelos estudiosos do Projeto NURC/SP(Norma Urbana Culta de São Paulo).

Em várias situações éh...durante...os depoimentos...alguns integrantes da CPI tiveram...o comportamento questionado...OU porque...se dirigiram de forma...considerada ... desrespeitosa aos depoentes ou porque... de alguma forma encaminharam perguntas que tinham... o objetivo... de DESqualificar os depoentes... a minha pergunta é simples... se não está havendo hum:: ... ou se não esTAVA havendo há bem pouco tempo atrás na CPI... essa tentativa de um lado de DESqualificação de certos depoentes e se outro lado de antecipação... da campanha eleitoral de dois mil e seis... e pergunto se não é SÉrio demais o assunto... para que a gente resvale para qualquer uma das atitudes... tanto... do lado da oposição de tentar POLitizar excessivamente o debate... como do lado do governo de tentar desqualificar... pessoas que têm feito denúncias GRA::ves que embora...desqualificados alguns:: daqueles denunciantes... não... minimiza a questão

No enunciado acima, Paulo Markun questionou a atitude dos membros da CPI que ao elaborarem suas perguntas aproveitaram para desqualificar o depoente ou para fazerem propaganda das eleições presidenciais de 2006.

Vejamos a resposta, na íntegra, de Denise Frossard, atentando-nos às partes destacadas:

éh... eu vou fazer uma observação aqui Markun...ah:: aquela comissão é uma coisa no::va pra mim a CPI... né... e eu observo que ali éh se transita entre nervos partidários expostos... e não deveri::a ... porque na soleira da PORTa da CPI... deveria ficar as COres partidárias... e adentrar aquele reCINto do plenário... as pessoas que vão investiGAR... porque ali não está a questão de governo... é essa a minha tese... ali está a questão de esta::do... nós não estamos ali porque um cheFEte... dos correios...foi...surpreendido com a mão... na boti::ja... nós estamos ali porque um depuTA::do fedeRAL que tinha a responsabiliDAde... de conduzir um partido como o senhor presidente... DI::sse que era assi::m...então quer dizer éh... eu sei que é diFÍcil...mas tem que deixar as cores partidárias... porque...nós ali agimos como investigadores... e com poderes de juí::zes... portanto é I::sso que a democraCIA brasileira ainda nã/ aí a democracia brasileira ainda não amadureceu a este ponto... então é por isso que nós tivemos quarenta e nove CPIs no seNA:do de mil novecentos e quarenta e seis à mil novecentos e oitenta e NOve das quais apenas dezesSEte chegaram a ser votadas ter o seu relatório votado... e diz o autor disso... que é um velho... hum um aposentado... um funcionário aposentado... ele diz QUAN::do oposição e goVERno se sentem...AMbos atingidos...há uma força uma contra a outra... e aí é o que se diz termina em pizza... é isso que nós temos que avanÇAR... como investigadores... fica aqui a minha/ o meu desafio

Depreendemos, no segmento anterior, que um referente textual é primeiramente reativado (resgatado da pergunta), linhas 1 e 2: “aquela comissão é uma coisa nova pra mim”. Dessa maneira, o orador inicia seu turno apresentando o objeto de discurso por uma expressão nominal iniciada por um pronome demonstrativo e, posteriormente, utilizando-se de outra expressão nominal, faz uma nominalização “a CPI” (linha 2).

Já às linhas 2 e 3, o orador, utilizando da metáfora, faz uma descrição. Retomemos o segmento:

[...] éh... eu vou fazer uma observação aqui Markun...ah:: aquela comissão é uma coisa no::va pra mim a CPI... né... e eu observo que ali éh se transita entre nervos partidários expostos... e não deveri::a ... porque na soleira da PORta da CPI... deveria ficar as COres partidárias... e adentrar aquele reCINto do [...]

A formulação “entre nervos partidários expostos” indica o ocorre “naquela comissão”, a “CPI”, “naquele recinto”, porém percebemos que se trata de uma metáfora, pois nervos não transitam, muito menos, de maneira exposta. A oradora refere-se às posições assumidas pelos membros da CPI, seus papéis políticos que entram em conflito naquele cenário. Isso é evidenciado posteriormente, no texto, por duas expressões nominais: “as cores partidárias” (linhas 3 e 9). Vejamos:

[...] diFÍcil...mas tem que deixar as cores partidárias... porque...nós ali agimos como investigadores... e com poderes de juí::zes... portanto é I::sso que a democraCIA brasileira ainda nã/ aí a democracia brasileira ainda não amadureceu a este ponto... então é por isso que [...]

Outra formulação linguística que explicita e reforça o efeito de sentido de “as cores partidárias”, trata-se da descrição “há uma força uma contra a outra” apresentada às linhas 15 e 16:

[...] aposentado... ele diz QUAN::do oposição e goVERno se sentem...AMbos atingidos...há uma força uma contra a outra... e aí é o que se diz termina em pizza... é isso que nós temos que avanÇAR... como investigadores... fica aqui a minha/ o meu desafio

O procedimento observado remete ao fato de que o falante, no encaminhamento de seu enunciado, vai “tecendo” o sentido, apresentando um olhar sobre um determinado evento. Nos exemplos analisados, metáforas juntamente com outras formulações linguísticas constituem e direcionam uma imagem do que ocorre em uma comissão parlamentar, de acordo com a oradora.

Podemos observar também, na resposta de Denise Frossard, como um clichê pode tornar-se uma metáfora original e fortalecer, com mais expressividade, a tese apresentada, conforme a perspectiva da Nova Retórica:

[...] adentrar aquele reCINto do plenário... as pessoas que vão investiGAR... porque ali não está a questão de governo... é essa a minha tese... ali está a questão de esta::do... nós não estamos ali porque um cheFEte... dos correios...foi...surpreendido com a mão... na boti::ja... nós estamos ali porque um depuTA::do fedeRAL que

tinha a responsabiliDAde... de conduzir um partido como o senhor presidente...
DI::sse que era assi::m...então quer dizer éh... eu sei que é [...]

Lembremos que a expressão “boca na botija” já se transformou num clichê, é de uso comum, do cotidiano, portanto, o seu sentido é compartilhado entre os participantes. Mas, Denise Frossard faz uma adaptação, ou seja, ao ser inserido no co-texto, esse clichê sofre uma modificação, a palavra “boca” é substituída por “mão”, adequando-se também ao contexto político e histórico e até mesmo ao tópico do debate que é a corrupção.

Nesse procedimento, há não só uma metáfora original selecionada no texto, como também, um recurso argumentativo. Essa expressão (“boca na botija”), por já estar enraizada nos conhecimentos culturais e discursivos do auditório (pelo menos da maioria), é facilmente associada com o contexto político em que estão inseridos os participantes dessa interação.

Por outro lado, nesse mesmo segmento, verificamos o uso de outro clichê “terminar em pizza”, porém, neste caso, não houve reformulação na expressão em si; entretanto, devemos salientar que ele foi situado num contexto e está interagindo com este. Assim, por ser uma expressão de uso metafórico, um clichê, a sua força argumentativa colaborou para o estatuto de verdade do discurso da juíza Denise Frossard:

[...] relatório votado... e diz o autor disso... que é um velho... hum um aposentado... um funcionário aposentado... ele diz QUAN::do oposição e goVERno se sentem...AMbos atingidos...há uma força uma contra a outra... e aí é o que se diz termina em pizza... é isso que nós temos que avanÇAR... como investigadores... fica aqui a minha/ o meu desafio

Como é possível observar, a juíza tinha o conhecimento de que a formulação “terminar em pizza” se trata de opinião pública (“é o que se diz”) a respeito da corrupção política, o que indica que a seleção do clichê no fim de seu turno, de sua fala, tratou-se de uma estratégia argumentativa, cujo intuito consistiu em aproximar a opinião dela a do telespectador, numa tentativa de convencê-lo a aderir à tese apresentada.

Considerações finais

De modo geral, há muito a ser investigado sobre a metáfora, principalmente no que se refere à argumentação e às relações intersubjetivas situadas; entretanto, as análises permitiram observar que ela pode colaborar com os propósitos argumentativos do orador, na mídia.

Referências bibliográficas

- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. Tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z.G.O. de . Discurso e interação - a reformulação nas entrevistas. *DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*. São Paulo, v. especial, 1998, p. 91-104.
- GIBBS, R. W. (1999). Taking metaphor out of our heads and putting it into the cultural world. In: GIBBS, R. W.; STEEN, G. (ed.). *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins. p. 145-166.
- KOCH, Ingedore Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore Villaça Koch; Edwiges Maria Morano; Anna Christina Bentes (org). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 33-52.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. Metaphors we live by. In: POTTER, Jonathan (org). *Representing Reality: Discourse, Rhetoric and Social Construction*. London: Sage Publications Ltd., 2003, pp.124-132.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 2003.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniéle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães Cavalcante; Bernardete Biasi Rodrigues; Alena Ciulla (org). *Clássicos da Lingüística - Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 17-52.
- OLERÓN, Pierre. *A argumentação*. Tradução Cascais Franco. Portugal: Europa-América, 1983.
- PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação*. A Nova Retórica. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (1958).

Abstract: *The purpose of this paper is to analyze the metaphor like a argumentative strategy in the media debates. We use the precepts from the Referentiation Theory, the New Retoric and the Conversational Analysis.*

Keywords: *metaphor; referential processes; argumentation; interaction; media*